

## Cinema e História: José Julianelli e Alfred Baumgarten, os pioneiros em Santa Catarina

Zeca Pires\*

### Resumo

O trabalho é uma introdução ao inter-relacionamento de duas áreas – o cinema e a história. Além disso, aborda a importância do cinema, no século XX, e da comunicação audiovisual, que o cinema gerou, nos dias atuais. Questiona o desinteresse dos historiadores nesse importante suporte de pesquisa. E, por último e como objetivo principal, penetra na vida e obra de dois pioneiros do cinema documental catarinense.

Unitermos: cinema - história - Julianelli - Baumgarten

O principal objetivo deste trabalho é confrontar duas áreas que há um século se inter-relacionam de diversas formas – o cinema e a história. A primeira relação entre a modernidade e o advento da fotografia é certamente o período em que estes dois processos surgiram. Num artigo, o professor Jean-Louis Leutrat<sup>1</sup> aborda a simultaneidade desses eventos, tomando como exemplo os trabalhos de François Guizot, Jules Michelet e Edgar Quinet, na França, que são contemporâneos aos dos inventores da fotografia – Daguerre e seus sucessores. Outras correlações mais profundas foram traçadas no artigo de Leutrat, mas

\* Falta biografia do Zeca

<sup>1</sup> Leutrat, Jean-Louis. Cinema e História. In: *Imagens*, n. 5, Editora da UNICAMP, 1995, p. 28-29.

parto desta simples analogia para pensar como o cinema – forma que a fotografia originou – e a história têm uma imbricada relação nesta trajetória de cem anos. O cinema deu continuidade de aquilo que a fotografia já havia começado e, logo nos primeiros anos de existência, proliferou-se pelos quatro cantos do planeta, abrindo um século predominantemente “imagético” e criando, assim, uma linguagem universal. A televisão e a mídia eletrônica, que hoje invadem nossos lares, são originárias da sétima arte. O roteirista Jean-Claude Carrière, coloca: “Quem não acredita estar vivendo hoje em dia na civilização da imagem? Dizem-nos isso sem parar, e nós repetimos. Estamos permanentemente rodeados de imagens, em casa, na rua, no carro e no metrô; até se constróem paredes de imagens e logo a holografia vai nos proporcionar casa e edifícios de imagens. Um planeta de imagens. Imagens que se movem, falam, fazem barulho. Imagens que fazem esquecer (sem fazer nada para curar) nossa sensação de solidão”.<sup>2</sup> Na arte, este é o século do cinema e, em nossa vida quotidiana, a captação da imagem em movimento e sua transmissão instantânea para qualquer parte do mundo é sua maior revolução. Ainda sobre o assunto, a pesquisadora Flávia Cesarino Costa compartilha as palavras iluminadas do discípulo de Don Luís:

Chegando ao seu centenário, o cinema tem a fisionomia do Século XX. A convivência com os efeitos de seus códigos audiovisuais é hoje tão intensa, cotidiana e disseminada que é quase impossível rastreá-los. Mais difícil ainda é mantermo-nos isolados de suas influências ou de suas derivações: elas invadem nossas vidas com tal força que nos obrigam a participar de seu fluxo de informações praticamente sem possibilidades de escapar delas. O cinema tem atuado tão fortemente sobre as formas de percepção e as experiências do tempo e do espaço neste século, que já não há limites claros entre as linguagens

---

<sup>2</sup> Carrière, Jean-Claude. *A história secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 70-71.

audiovisuais a que ele deu forma e as outras formas contemporâneas de linguagem.<sup>3</sup>

Segundo este pensamento, dentro de alguns anos, será muito difícil estudar história sem recorrer às imagens. Então, qual será o motivo para este suporte ser tão pouco utilizado e, até mesmo aceito, por historiadores?

Na verdade, o cinema ainda não era nascido quando a história se constituiu, aperfeiçoou seus métodos, parou de narrar para explicar. A “linguagem” do cinema revela-se ininteligível e, como a dos sonhos, é de interpretação incerta.

Mas essa explicação não é satisfatória para quem conhece o infatigável ardor dos historiadores, obcecados por descobrir novos domínios, sua capacidade de fazer falar até troncos de árvores, velhos esqueletos, e sua aptidão para considerar como essencial aquilo que até então julgavam desinteressante. No que diz respeito ao filme e outras fontes não-escritas, creio que não se trata nem de incapacidade, nem de retardamento, mas sim de uma recusa em enxergar, uma recusa inconsciente, que procede de causas mais complexas,

responde o historiador Marc Ferro<sup>4</sup>.

Para Ivan Gaskell, outro autor que escreveu sobre o assunto, a problemática está na formação dos historiadores, “embora os historiadores utilizem diversos tipos de material como fonte, seu treinamento em geral os leva a ficar mais à vontade com documentos escritos. Conseqüentemente, são muitas vezes mal equipados para lidar com material visual, muitos utilizando as imagens apenas de maneira ilustrativa, sob aspectos que parecem ingênuos, corriqueiros ou ignorantes a pessoas profissionalmente ligadas à problemática visual”.<sup>5</sup> Se é verdade

<sup>3</sup> Costa, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. São Paulo: Scritta, 1995. p. XVII.

<sup>4</sup> Ferro, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 79.

<sup>5</sup> Gaskell, Ivan. História das Imagens. In: Burke, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 237.

que os historiadores têm muito a aprender no uso de imagens como fontes de pesquisas, é verdade, também, que eles têm muito a ensinar.

As dúvidas constantes da história sobre si mesma, como diz Leutrat,

são acompanhadas da invenção da fotografia, da aparição do cinematógrafo e, hoje, da construção de novas imagens. Volta e meia reencontramos, de um lado, este trabalho dedicado à duplicação do mundo, ao registro e à conservação, à recriação, à instauração de grandes narrativas e, de outro lado, a consciência inquieta de uma abordagem lacunar, fragmentada, sempre por retomar. Este paralelo não vem desprovido de ensinamentos. Ele seria proveitoso, sobretudo, para uma melhor compreensão da história; ele permitiria, em todo caso, retomar o debate sobre as relações entre a história e o cinema em novos termos...<sup>6</sup>

Sabe-se, portanto, que entre cinema e história as interferências são múltiplas e pouco exploradas. Podemos tomar como objeto de estudo o cinema como agente da história (resultado do progresso científico), o cinema na história, a história nos filmes, a história do cinema... enfim. Este trabalho se limitará a abordar uma pequena vertente dessa multiplicidade de possibilidades, qual seja: o documentário em Santa Catarina nos anos 20 e 30 realizado por dois pioneiros, José Julianelli e Alfred Baumgarten, e a colocação destes registros como fontes para o historiador. É proposital este recorte inicial, ou seja, um mosaico de idéias preliminares que representam um pensamento e uma preocupação com os quais partilho, além de apontarem para o mesmo sentido que tenho direcionando meus estudos. É incontestável a importância da imagem no mundo contemporâneo. A proposta apresentada é, portanto, a de interpretar ou decodificar registros deixados por dois pioneiros do cinema

---

<sup>6</sup> Leutrat, op. cit. p. 29.

catarinense, inserindo-se neste contexto de valorização do suporte visual.

Uma das premissas colocadas no início da pesquisa era a de conceituar o gênero documentário. Mas, as ambigüidades desta definição são muitas: filme, em geral de curta-metragem, que registra, interpreta e comenta um fato, um ambiente ou determinada situação, como define o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. Palavra utilizada para reforçar a idéia de “documento”, um argumento habilidoso, utilizado pelo escocês John Grierson para viabilizar a produção de filmes junto ao governo conservador da Grã-Bretanha, na década de 30. Ou como arrisca Jean-Claude Bernardet, “Nunca ninguém conseguiu definir o gênero, mas tentemos: filmagens de algo que aconteceria independentemente da realização de um filme”.<sup>7</sup> Ou ainda “filmes sem atores” como especifica o regulamento da mostra “Cinema do Real”, organizada na França nos anos 90. Talvez, a melhor opção tenha sido aquela adotada recentemente pelos debatedores do 1º Festival Internacional de Documentários, realizado em abril de 1996 no Centro Cultural Banco do Brasil (Rio de Janeiro), no qual participavam representantes de vários países, que preferiram não dar uma definição ao gênero, tendo em vista a multiplicidade de vertentes e possibilidades que o próprio tema gerou no decorrer do século. É certo que mais importante que defini-lo é entendê-lo sempre como uma interpretação – e não como uma reprodução fidedigna – do real. Bernardet afirma que o principal problema que o historiador deve enfrentar é do conteúdo do filme, o da veracidade da fonte. “A fotografia em si, o filme em si não representam, tanto quanto qualquer documento velho ou novo, uma prova de verdade. Toda a crítica externa e interna que a metodologia da história impõe ao manuscrito, impõe igualmen-

<sup>7</sup> Bernardet, Jean-Claude e Ramos, Alcides Freire. *Cinema e História do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1988. p. 36.

te ao filme. Todos podem igualmente ser falsos, todos podem ser “montados”, todos podem conter verdades e inverdades”.<sup>8</sup>

O pensamento de Marc Ferro é talvez o mais próximo da abordagem desta pesquisa. Ferro observa o filme, não apenas como uma obra de arte, mas principalmente como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza. A análise, portanto, não incide necessariamente sobre a obra em sua totalidade: ela pode se apoiar sobre extratos, pesquisar “séries”, compor conjuntos. E a crítica também não se limita ao filme, ela integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente. Nessas condições, não seria suficiente empreender a análise de filmes, de trechos de filmes, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e a abordagem das diferentes ciências humanas. É preciso, desta forma, aplicar esses métodos a cada um dos substratos do filme (imagens, imagens sonorizadas, não-sonorizadas), às relações entre os componentes desses substratos; às relações do filme com o que não é filme (o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo). Só assim, conclui Marc Ferro, se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa.<sup>9</sup>

A metodologia adotada neste trabalho é, portanto, comprometida com estes pensamentos. Assim, além de se fazer uma leitura direta dos planos dos filmes – que podem proporcionar algumas informações imediatas como: as características das cidades, dos locais, da vestimenta, enfim, de aspectos que denominaremos de superficiais – pretende-se, também, analisar a totalidade da obra de cada autor de forma conjunta ao contexto

<sup>8</sup> Bernardet, op. cit. p. 38.

<sup>9</sup> Ferro, op. cit. p. 87.

no qual elas estão inseridas. Informações estas que conceituaremos de interpretativas, pois um filme também escapa muitas vezes ao realizador, que não chega a apreender necessariamente todas as significações da realidade que mostra, como coloca Marc Ferro. Tendo-se ainda em mente que analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história.

A dissertação esboçada neste artigo, será composta de seis capítulos. O primeiro trata da relação entre o filme documentário e a história e está dividido em três partes: a imagem e o documento, a leitura de imagem (fílmica) e o filme como uma nova fonte para a história.

Os primeiros documentários em Santa Catarina são o tema do segundo capítulo, que está subdividido nos seguintes assuntos: os primeiros registros, os ambulantes, os cavadores e uma nova mídia.

A vida e a obra do italiano José Julianelli – que veio para a região de Blumenau com seu pai no início deste século – é a abordagem principal do terceiro capítulo que se subdivide nos títulos que seguem: O mascate italiano; Um homem múltiplo; Sua produção cinematográfica; Seu legado para o historiador.

Alfred Baumgarten, filho de imigrantes alemães que se dedicou a fotografia e ao cinema, é o tema do quarto capítulo, subdividido em 4 partes: Sua vida; O fotógrafo; Seus filmes e a herança de sua obra; Aportes para história catarinense.

O quinto capítulo traz uma comparação entre os dois legados, suas similaridades e suas distinções.

O último capítulo, intitulado *Considerações Finais*, discorre também sobre as relações entre cinema e história e está dividido nos seguintes assuntos: O cinema como registro histórico; O historiador frente ao cinema; As fontes e o passado catarinense.

Os filmes de Julianelli e Baumgarten citados nesta pesquisa pertencem aos acervos da Cinemateca Brasileira e da Cinemateca de Curitiba.

### **José Julianelli (filmes mudos/16qps)**

Acervo da Cinemateca Brasileira

1) **O Progresso de Blumenau** – inauguração oficial da ponte de Indaial.

Duração:6'

Intertítulos do filme:

- a) O Progresso de Blumenau – Inauguração oficial e solemne da grande obra de arte “Ponte de Indaial”, sobre o Rio Itajahy-assú. Toda de cimento armado, a importante obra foi construída pela Empresa Emilio Odebrecht & Cia. – Recife, Pernambuco. Gerente Constructor: Curt Lungershausen.
- b) O constructor, snr. Curt Lungershausen, gerente constructor apontando para sua obra de arte.
- c) Aspectos do imponente acto inaugural. À cabeceira da ponte um grupo de autoridades locais e representantes do município, destacando-se o Dr. Victor Konder, ministro da Viação; Dr. Amadeu Luz, Juiz de direito; Curt Hering, superintendente municipal; Emmembergo Pellizzette, deputado estadual.
- d) O Symbolo da Pátria. O Illustre Snr. Victor Konder, ministro da Viação, lendo, no acto inaugural, seu brilhante discurso tratando do engradecimento do município de Blumenau.
- e) Um dos escaphandros empregados na construcção dos pilares da ponte.



f) O Snr. Carlos Schroeder e exm. família, em frente à sua casa commercial.

## 2) Setenta e cinco anos da fundação de Blumenau.

Duração: 7'20" Ano: 1925

Intertítulos do filme:

- a) Universum Film. O Jubileo do 75 anniversário da Fundação de Blumenau no dia 15 de novembro de 1925. Phto. Julianelli. Universum Film. (repete esse intertítulo em alemão)
- b) Panorama de Blumenau – Cidade industrial e de progresso. Estado de S. Catharina. Phto. Julianelli. Universum Film.
- c) O Aspecto em frente o monumento do Dr. Blumenau. Universu Film. Julianelli. (repete em alemão).
- d) 1850.
- e) 1850. Dr. Hermann Blumenau. Unifers Film. Julianelli. Blumenau.
- f) 1925.
- g) 1925. Das Denkmal Dr. Blumenaus. Unifers Film. Julianelli. Blumenau. (somente em alemão).
- h) Um grupo de personalidade ilustre de Blumenau é representante de outros municípios. Dr. Victor Konder, S. da Fazenda; Dr. Amadeu Luz, Juiz de Direito; Curt Hering, superintendente; M. Luiz Vasconcelo D. Estadual; Coronel Hypolito Boiteux. (repete em alemão).
- i) L'intendeza Muniपाल di Blumenau. A Câmara Municipal de Blumenau.
- j) Universu Film. Desfilar da Passeata Allegorica. Phto Julianelli. (repete em alemão).

### 3) A visita do Príncipe de Orleans e Bragança a Joinville (Joinville Jornal)

Duração: 4'30"

Intertítulos do filme:

- a) S. Excia o Dr. Bulcão Vianna, governador do Estado em companhia de sua comitiva, chega a Joinville , afim de assistir as festas da grande comemoração.
- b) Edifício da Municipalidade – A recepção que se realizou na municipalidade, em homenagem ao governador do Estado.
- c) A Chegada dos Príncipes – Onze e meia. Grande número de autoridade civis e militares aguardam no caes Conde d'Eu, a chegada dos príncipes de Orleans e Bragança.
- e) Os príncipes S. S. S. S. o príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança e sua Exma. esposa, a princesa D. Elisabeth.
- f) Primeiro surgem, em trajes de passeio, Misses New York (América), França, Cuba, Luxemburgo, Áustria e Alemanha...
- g) ... e depois em trajes de banho, Misses Rumania, América, Hespanha, Áustria, (Miss Universo), França, Inglaterra e Brasil.

### 4) A Matriz de Blumenau

Duração: 5'40"

Intertítulos:

- a) A matriz de Blumenau num domingo – cine Julianelli
- b) Os alunos do collegio S. Antonio dirigidos pelos Frades Franciscanos. Blumenau.

- c) Em recordação da grande data, 7 de setembro, o digno povo de Blumenau oferece a bandeira de honra à heróica 9ª Companhia de Metralhadora. Phto. Julianelli.
- d) Universum. Film. O Comandante da 9ª C. de Metralhadora Capitão A. Thome Rodrigues. Phto. Julianelli
- e) O presidente do Conselho Municipal, Major Francisco Margarida, pronunciando ho discurso de offerecimento da bandeira. Phto. Julianelli.

#### 5) Ponte de Florianópolis

Duração: 3'15"

Intertítulos:

- a) A ligação da ilha ao continente: a majestosa ponte mandada construir pelo eminente Dr. Hercílio Luz, quando governador de S. Catharina, a qual tem hoje o seu ilustre nome.
- b) É a quinta obra d'arte do mundo. (vão total 323 metros, altura das torres 70 metros e do nível da agua à ponte, 30 metros).

#### 6) Carnaval em Blumenau

Duração: 3'

Assunto: Desfile de carros alegóricos em Blumenau

#### 7) Filme: A chegada do Dr. Washington Luiz a Joinville

Duração: 7'30"

Intertítulos:

- a) A chegada do Dr. Washington Luiz a Joinville. Chegada do presidente eleito da República constituiu um dos maiores acontecimentos do dia. Aspectos da imponente recepção na "gare".

- b) S. Excia. Dr. Washington Luiz visita a caserna do 3 Batalhão de Caçadores.
- c) A formatura de honra. O Dr. Washington Luiz cercado pelo mundo político e social, assiste ao desfile.
- d) No Club Joinville, onde foi oferecido o banquete ao presidente democrata Dr. Washington Luiz.
- e) (O banquete) foi alvo das maiores manifestações. Vários aspectos do banquete que personalidades distintas lhe offreceram no Club Joinville.

#### 8) Joinville Pitoresco

Duração: 10'15"

Intertítulos:

- a) Joinville Pitoresco. Grande Aspecto no Jardim Lauro Müller. Cabelios alourados, olhos cor do céu, coração a palpitar de amores, nada disto por certo há de faltar, neste recanto de sonhos e de encantos que é o Jardim Lauro Müller.
- b) Sr. Dr. Marinho Lobo, digno Superintendente Municipal, lendo o seu discurso no acto da inauguração dos monumentos.
- c) A herma erguida em memoria a D. Francisca, princeza de Joinville. A cidade presta-lhe homenagens. Vários aspectos da Inauguração.
- d) A Rua do Príncipe, a principal artéria da cidade, num dos dias das grandes festas.
- e) A passeata de diversos clubes pela Rua do Principe: Gymnasticos, Bombeiros e Atiradores.

## Alfred Baumgarten

Duração do filme: 58'20"

Intertítulos:

- 1) A Capital de Brasil: Rio de Janeiro
- 2) O pão d'assucar
- 3) No caes
- 4) Uma construcção austríaca
- 5) Uma fortaleza antiga
- 6) O Syndicato "Condor"
- 7) Hydroplanos Junker e Dornier -Wal
- 8) no porto de Santos
- 9) Florianópolis
- 10) Uma ponte gigantesca
- 11) A pesca na praia de Itapema
- 12) O velho pescador
- 13) Depois da Pesca
- 14) A entrada do "Aspirante Nascimento" no Porto de Ithajaí
- 15) O Palácio Municipal em Ithajaí
- 16) A maior fábrica d'assucar em Sta. Catharina
- 17) A única fábrica de papel em Sta. Catharina
- 18) Na praia de Cabeçudas
- 19) Blumenau em Sta. Catharina. A terra da "barriga verde".
- 20) O vapor "Blumenau"
- 21) Para Blumenau

- 22) Prefeitura Municipal
- 23) e a estação em Blumenau
- 24) O Arcebispo de Santa Catharina benze os sinos da igreja matriz de Blumenau
- 25) A Sociedade de gymnástica de Blumenau
- 26) As concorrências
- 27) Na festa campal
- 28) Blumenau em movimento
- 29) Enchente em Blumenau, novembro de 1927.
- 30) Um hospital
- 31) O Rei da Saxônia em Blumenau, Junho de 1928
- 32) Rua das palmeiras
- 33) A Usina de força e luz eléctrica de Blumenau
- 34) A Fábrica de Hering Cia.
- 35) Depois do Trabalho
- 36) A Fábrica Garcia
- 37) Alunos do collégio dos P. Franciscanos em Blumenau
- 38) Os padres no parque
- 39) O tiro de guerra do collégio
- 40) O Juiz de Direito da Comarca Dr. Amadeu da Luz
- 41) Imponentes Comemorações do Centenário da Colonização Allemã
- 42) Em São Pedro de Alcântara no dia 15 de novembro de 1929.
- 43) A igreja de São Pedro
- 44) A inauguração do monumento do primeiro Centenário da Colonização Allemã.

- 45) O Porto de São Francisco do Sul
- 46) Viagem estrada férrea para Hansa.
- 47) Gado manda parar
- 48) Inauguração da escola em Indayal
- 49) A fábrica de leite em pó em Indayal
- 50) Chegada do leite
- 51) Transporte sobre um rio.
- 52) Inauguração d'uma ponte de cimento armado em Indayal
- 53) Colonos trabalhando na conservação das estradas
- 54) Ranchos
- 55) e ferraria na construção
- 56) do tunel – no Salto Pilão
- 57) O Sta. Maria
- 58) No Rio do Sul
- 59) Balsa no Rio do Sul
- 60) Bella Aliança
- 61) Rio do Oeste
- 62) Saltos no Rio d'Oeste
- 63) Jaboticabas
- 64) Tabaco
- 65) Sapecar mate
- 66) Fazendo os fardos
- 67) No carijó
- 68) Bater o mate
- 69) Bananas

- 70) Laranjas
- 71) Criação de Suínos
- 72) St. João
- 73) A moradia do cabloco no sertão
- 74) O palácio do cabloco
- 75) A primeira casinha do cabloco
- 76) Construcção em pao a pique
- 77) No pinheiral
- 78) A cozinha
- 79) Colheita de Uva
- 80) Arroz
- 81) Bater com cavallos
- 82) Eucalyptos no segundo anno
- 83) Os que fazem o carpinamento
- 84) Uma escola no Rio Wiegand
- 85) Escola no Rio Krauel
- 86) Vendas na colônia: Hering Matador
- 87) Schroeder Lontra
- 88) Hotel "Reif" no Rio Pombas
- 89) Colonos fazem uma ponte soba a fiscalização do Fiscal Rischbieter
- 90) Queichada
- 91) Preservação da Carne
- 92) Macacos
- 93) Os atiradores de Timbó
- 94) Em frente do prédio



- 95) Abastecimento de carnes na colônia do Udo Ebert
- 96) Em busca dos troncos
- 97) Engenho de Serrar madeira em Warnov, Proprietário Bruno Ebert
- 98) Queijaria de Scoz em Rodeio
- 99) Forragem, uso de soro do leite
- 100) Queijo de Blumenau
- 101) No planalto de Sta. Catharina
- 102) corta-se o herval
- 103) A roçada
- 104) Derrubada
- 105) A mata derrubada
- 106) Fogo no roçado
- 107) Um gigante
- 108) Plantação de milho...
- 109) ... e aipim
- 110) O carpinamento
- 111) Batatas doce
- 112) Cará
- 113) Aveia
- 114) O porco e a família do colono
- 115) O gado de um colono antigo
- 116) Cana serve de forragem
- 117) O brinquedo (criança brincando com macaquinho)
- 118) Casamento
- 119) Casamento d'aurio

- 120) Cem anos de idade (velhinha trabalhando)
- 121) e as filhas de setenta anos
- 122) Ella capina ainda
- 123) Praia de Cabeçudas\*
- 124) Pomerode
- 125) Fim

## Bibliografia Básica

### A - Livros

- ALEA, Tomás Gutiérrez. *Dialética do Espectador*. São Paulo : Summus, 1984.
- BAZIN, André. *O Cinema – ensaios*. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- BENJAMIN, Walter et alli. *Estéticas do Cinema*. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1985.
- BERNADET, Jean-Claude e RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e História do Brasil*. São Paulo : Contexto, 1988.
- BERNADET, Jean-Claude. *Cineastas e Imagens do Povo*. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Cinema brasileiro: propostas para uma história*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O autor no cinema*. São Paulo : Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Piranha no mar de rosas*. São Paulo : Nobel, 1982.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CAVALCANTI, Alberto. *Cinema e Realidade*. Rio de Janeiro: Artenova, 1951.

- COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. São Paulo: Scritta, 1995.
- COSTA, Selda Vale da e LOBO, Narciso Júlio Freire. *No Rastro de Silvino Santos*. Manaus : 1987.
- ESCUADERO, José María García. *Cinema e problema social*. Lisboa : Editorial Aster, 1975.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- KORMANN, Edith. *Blumenau - arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau : Edição da Autora, 1996.
- LABAKI, Amir. *O Olho da Revolução: o cinema-urgente de Santiago Alvarez*. São Paulo : Iluminuras, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- PIRES, José Henrique Nunes et alli. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC/EMBRAFILME, 1987.
- SANTOS, Yolanda Lhullier e CALDAS, Pedro Henrique. *Francisco Santos: pioneiro do cinema do Brasil*. Pelotas: Semeador, 1995.
- VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTE, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas : Papyrus, 1994.

#### B - Dissertações de Mestrado

- ALVETTI, Celina do Rocio Paz. *O Cinema Brasileiro na Crônica Paranaense dos Anos Trinta*. Dissertação (Mestrado em Artes/Cinema) São Paulo: ECA/USP, 1989.

FARKAS, Thomaz. *Cinema Documentário: um método de trabalho*. Tese (Doutorado em Jornalismo) São Paulo: ECA/USP, 1972.

MACHADO Jr., Rubens L. R. *São Paulo em Movimento: a representação cinematográfica da metrópole nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Cinema). São Paulo : ECA/USP, 1989.

STECZ, Solange Straube. *Cinema Paranaense: 1900 - 1930*. Dissertação (Mestrado em História) Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1988.

#### C - Revistas

Imagens. Uma publicação da Editora da UNICAMP - número 5 - ago/dez 1995. Artigo: Cinema e História - uma relação de diversos andares, por Jean-Louis Leutrat. pag 28-33.